

**«Trono dos Poetas»****PÁGINA DE FIDELIDADE Da CONFRADE António Barroso****Deixa-me partir**

Deixa-me partir,  
não procures seguir meus passos  
como uma sombra errante.  
O calor dos teus abraços,  
ou o beijo provocante  
que a longa espera  
provocava,  
já não consigo sentir.

Deixa-me partir,  
sem lágrimas ou censuras,  
que nem mesmo as tuas juras  
renovam a primavera  
que, então, brilhava  
na nossa vida,  
sempre a sorrir.

Deixa-me partir,  
que nosso amor findou.  
Por muito que custe admitir,  
já não há cumplicidade  
entre nós dois, em cada gesto,  
de resto,  
agora que tudo acabou,  
apenas fica a saudade  
desse existir.

Deixa-me partir,  
não agarres a lapela  
do meu casaco amarrotado,  
como se eu fosse fugir.  
Da janela,  
podes fazer a tua despedida  
com uns acenos finais,  
que eu vou seguir a minha vida,  
não volto mais.

Deixa-me partir...

António Barroso – Parede/  
Lisboa



Vivemos um tempo duro  
em que nada nos convence,  
não me indaguem do **Futuro**,  
que o **Futuro** a Deus pertence.

António José Barradas Barroso  
Paredes / Portugal

**Doce Visão**

Vejo o mar, ao longe, calmo e tão lindo  
Como azul de arco-íris na tempestade,  
Mar que é tão grande, um oceano infundo  
Que leva e traz mensagens de saudade.

Beija as praias que as águas vão cobrindo  
De ondas mansas a espumar vaidade,  
Deste meu país onde o sol vai sorrindo  
Em todas as manhãs de claridade.

As areias coloridas de dourados  
Ocultam, de olhares, os namorados  
Que ali se refugiam de quem passa,

Por isso, não me canso da cambraia  
Das ondas que este mar rola na praia,  
Este mar, este mar que nos abraça.

António José Barradas Barroso  
Paredes – Lisboa

**Amores de verão**

Tardes de estio do meu Alentejo  
Com moças belas, na rua, passando,  
Vagos olhares, rubor de desejo,  
E no meu coração as ia guardando.

E iam, e vinham, se tinham ensejo,  
E eu, mudo e quedo, amava-as, olhando  
O ar furtivo que me atirava um beijo  
Perdido nas pedras que iam pisando.

E na tarde morna, cálida, amena,  
Nasciam amores cheios de pena  
P'los que morriam no mesmo momento,

Ao ver as moças passando, maldosas,  
Co'o lenço escondendo as faces de rosas  
E risos enchendo o meu pensamento.

António Barroso – Paredes / Lisboa

Eu tenho cá para mim,  
que quem, com tanto labor,  
faz assim o Boletim,  
merece o nosso louvor.

António Barroso - (Tiago)

**O Verso**

Um verso é uma canção, é uma balada,  
Um sopro, uma promessa, é um alento,  
Uma voz que se eleva na alvorada,  
Levada pela brisa, pelo vento.

Um verso é uma lágrima caída,  
Um sonho perdido em busca de amor,  
Palavra-chave de frase esquecida,  
O orvalho matinal que rega a flor.

Um verso pode ser também a mágoa  
Do lenço que acena ao fim do cais,  
Ou a ira que transborda a gota de água  
Do copo já bem cheio, até demais.

Um verso, ah! Um verso é fantasia,  
É quimera, é loucura, é desvario,  
É a água do regato, pura e fria,  
Que se junta, mais abaixo, ao longo rio.

Um verso é querer tudo e não ter nada,  
É correr sempre atrás duma ilusão,  
Prender o mundo numa mão fechada,  
Soprá-lo como bola de sabão.

Um verso é um oásis no deserto,  
A voz anunciadora do profeta,  
Suspiro preso, no peito encoberto,  
Fruto da maldição de ser poeta.

Tiago Barroso - Paredes

**O motivo**

Se há, dentro de nós, um santuário  
De tantas emoções que nos percorrem,  
São esses sentimentos relicário  
De que todos os poetas se socorrem.

À fantasia e ao sonho imaginário,  
Dedico mil poemas que me ocorrem,  
A uns dou vida, em forma de diário,  
Outros vão passando e, assim, morrem.

Queres que te defina o belo, a vida,  
O ar que me rodeia, a dor sentida,  
A flor que brilha, o sonho que eu abraço!

São momentos fugazes que a alma abriga,  
Por isso, não me peças que eu te diga  
A quem dedico os versos qu'inda faço.

António Barroso – Paredes / Lisboa